

8

A Greve

=

por

Renato Franco

bibRIA

— 11 —

Aucis

1915

18902

REGISTO N.º 8091

“O Riso do Vouga,”

1956 07/12

A GRÊVE



Drama original em 4 actos

POR

Renato Franco

bibRIA



BIBLIOTECA
municipal de aveiro

**FUNDO
LOCAL**

1915

Tip. Silva (a vapor)

Largo Luiz Camões

AVEIRO



008091

bibRIA

Personagens



ANTÉRO
ERNESTO
PROCOPIO
LEONARDO
FAUSTINO
ANICÉTO
HENRIQUE
QUITERIA
CLARA
MARGARIDA
UM OPERARIO
OUTRO OPERARIO



Operarios, mulheres e creanças
d'ambos os sexos.



Local do drama: LISBOA

bibRIA

ACTO 1.º

Sala modesta duma habitação operaria. A' E. uma janela, que deita sobre a rua, e um pouco mais abaixo uma secretária com livros, jornais, etc. A' D. uma porta, que dá para o interior. Das paredes pendem varios retratos dos mais celebrados vultos do movimento operario. Manhã dum domingo.

CENA 1.ª

Antero e Ernesto

ANTERO

(Sentado á secretária) E' como te digo, meu amigo. Precisâmos, além de bastante firmeza, resoluta energia, para não sermos esmagados.

ERNESTO

(De pé) Creio nas tuas palavras; mas permite-me por um momento que duvide da eficácia dos teus propositos.

ANTERO

E porquê ?

ERNESTO

Os nossos companheiros, infelizmente, ainda não atingiram a consciencia da sua força, nem compreenderam o alcance duma solida união, para re-

sistir ao embate desta sociedade conservadora e egoísta que nos cerca.

ANTERO

Lá não. (*Com vigor*) Demais, o meu plano d'ha muito que está traçado.

ERNESTO

Nas suas linhas gerais, provavelmente.

ANTERO

Até nos seus detalhes. E' preciso que todos me acompanhem. Mas quem não quizer, que se deixe permanecer na culpavel indolencia, que fórma uma condição miseravel.

ERNESTO

E nas tuas locuções já atentaste nos enormes dissabores que virão certamente amargar a tua cruzada? Já mediste o terreno em que tens de atuar, os mil embaraços que surgirão, os terriveis contratempos que terás de sofrer?

ANTERO

Oh! tudo. Não me julgues um ingenuo até ao ponto de acreditar que se abrirá deante de mim um caminho amplo, desafogado, cheio de triunfos.

ERNESTO

Reconheço que és um espirito pratico.

ANTERO

Mas a luta, em vez de me desacoroçoar, antes infiltra no meu ânimo uma tenacidade resistente.

ERNESTO

Escusado é dizer-te que podes contar com a minha dedicação. Tudo que seja levantar o brio do operariado, insuflando-lhe doutrinas sãs de progresso e de reivindicação dos seus direitos, agita-me e comove-me.

Mas ainda me não explicaste as bases da tua arrojada iniciativa.

ANTERO

Em primeiro lugar, uma intensa propaganda, depois a organização de sindicatos, a federação de esses mesmos sindicatos, as cooperativas, e por fim...

ERNESTO

(Atalhando-o em tom de ironia) a revolução.

ANTERO

Sim. Mas a revolução pacífica, metódica, tenaz, que é, sem dúvida, a que mais profundamente ha-de aluir os alicerces do atual edifício, onde se acota a injustiça.

ERNESTO

Dirás em principio aos patrões onde estamos e para onde pretendemos caminhar.

ANTERO

(*Levantando-se*) Exato. Far-lhes-emos vêr com serenidade, mas com decisão, a nobreza dos nossos ideais. E' muito o que exigimos? Bem pouco. Enquanto não podemos alcançar a posse absoluta de todos os meios de produção, que lhes custará arrancar ao seu egoismo uma parcela do que nos pertence?

ERNESTO

Não te ouvirão.

ANTERO

Tanto peor para eles. Ha largos anos que já ando empenhado nesta tarefa. E apesar dos amargos desgostos que me tem produzido, ameaças, ironias acerbas, desdens até dos nossos, ainda não afrouxei.

ERNESTO

E' preciso, na verdade, possuir um rijo temperamento de lutador.

ANTERO

Apenas cumpro o meu dever. Combatendo pelo

bem de todos, combato pelo meu proprio. Oxalá que todos os nossos companheiros assim o compreendessem. Não miro a recompensas, só tenho em vista a felicidade comum. (*Com exaltada convicção*) Pois não é horrível pensar que havemos de escalavrar no trabalho de todos os dias o melhor vigor do nosso ser, e ao cabo de uma existencia de canceira ofegante e de flagelos insanos entrar na velhice sem um ceitel que nos liberte do catre dum hospital, enquanto os patrões abarrotam de oiro e opulencia, adquiridos á custa do nosso sangue, dos nossos musculos, da nossa alma! A nós, colaboradores humildes e obscuros da sua riqueza, tambem nos cabe uma quota parte. A participação nos lucros é, em primeiro lugar, uma divida de seculos que urge saldar quanto antes. Embora eu seja alvo das maiores perseguições, embora me escravisem, me arrastem pela ignominia, jámais deixarei de clamar em prol dessa formidavel liquidação.

ERNESTO

Será tormentoso esse pleito.

ANTERO

Tenho confiança no futuro.

ERNESTO

Que virá bem longe.

ANTERO

Crê e trabalha como eu.

ERNESTO

O egoismo perverte.

ANTERO

(*Com surpresa*) Acaso te deixaste já envenenar!
Ainda ha pouco tu...

ERNESTO

(*Atalhando-o*) Oh! meu amigo! Não falo por mim; bem sabes que...

ANTERO

Por quem?

ERNESTO

Pelos patrões. Decerto virão argumentar com o risco dos seus capitais, com as responsabilidades do início das suas empresas e com os embates febris da concorrência.

ANTERO

Mas que valor possuiriam esses capitais sem o esforço do nosso braço e a aplicação do nosso cérebro? Evidentemente, esses capitais seriam nulos e as consequentes responsabilidades nunca existiriam.

ERNESTO

E' bem de ver. Porém, ainda objectariam com a colocação do seu dinheiro em condições menos problemáticas, sem vigílias, nem sobressaltos.

ANTERO

Talvez pretendas referir-te aos mil negocios em que o capital poderia colher proventos assaz compensadores e faceis, não é verdade? Mas a vida de um povo não pôde subsistir sem o impulso da industria e do commercio congregados e ainda que incipientes. Desde que o mundo é mundo sempre se fez sentir esse permanente desequilibrio entre a oferta e a procura. O que aqui ha a mais, ha acolá a menos; as necessidades da civilisação foram crescendo, e d'aí, um desejo instante em satisfazê-las, já empregando meios para a sua rapida aquisição,

já estabelecendo uma permuta, isto é: uma troca de energias, indispensavel para o nivelamento das condições materiais e ainda morais da sociedade. Porisso, não é só, sejâmos justos e leais, a ganancia que arremessa algumas vezes o capital para empreendimentos, na mira dum lucro fabuloso; é, sobretudo, a necessidade de contribuir tambem para a harmonia da familia humana. Mas, ainda assim, é ao nosso esforço, á nossa vida, ao nosso trabalho que esses empreendimentos vão buscar alento e essa harmonia vai arrancar centelhas fulgurantes. Logo: sendo nós um dos formidaveis nervos que vigorisam o funcionamento dêsse organismo, justo é que participêmos dos seus resultados. E que são todas essas transacções que se operam por meio de elementos bancarios e de creditos de varia natureza, senão consequencias industriais e comerciais, umas originadas na necessidade e outras na especulação, qualquer delas não podendo escusar o nosso esforço?!...

ERNESTO

Estás, portanto, convencido do bom resultado da tua causa?

ANTERO

Em breve lançarei os primeiros fundamentos.

ERNESTO

Por onde comesças?

ANTERO

Por Procopio.

ERNESTO

Esse!...

ANTERO

Então?

ERNESTO

E' o peor de todos. Ou eu o não conhecesse. E' retrogrado e é estúpido.

ANTERO

Chama-lhe antes velhaco. Mas estou convencido de que, pelo menos, me ouvirá com atenção.

ERNESTO

E's um optimista, para não te chamar outra coisa. Emfim...

ANTERO

A descrença continua a minar-te.

ERNESTO

Não é descrença, é o conhecimento que já tenho dos homens. (*Fazendo menção de sair*) Adeus, Antero. Aplaudo-te sinceramente e sigo-te, embora no meu espirito continue a prevalecer uma enorme duvida. Aventurar um passo no caminho do progresso exige pesados sacrificios e provoca bastantes decepções.

ANTERO

E' nesses sacrificios e no meio dessas decepções que se aquilata uma vontade e se retempera uma coragem.

CENA 2.^a

Os mesmos e Clara

CLARA

(*Assomando ao F.*) Sou demais?

ANTERO

(*Voltando-se com surpresa*) Seja bemvinda, snr.^a D. Clarinha.

ERNESTO

(*A'parte*) Hum!... Então isto já vai assim!
(*Inclina-se, saudando Clara*).

ANTERO

Imaginava talvez encontrar minha mãe?

CLARA

(*Que tem vindo descendo, senta-se numa cadeira, que Antero lhe oferece*) Adivinhou. Ha tantos dias que a não vejo!

ERNESTO

(*A'parte*) Será a mãe ou ele? (*Alto, consultando o relógio*) São onze horas. Se me permitem, retiro-me. (*Clara inclina-se e Ernesto sai cumprimentando deconfiado os dois*).

CENA 3.ª

Clara e Antero

CLARA

Sua mãe demorar-se-á muito?

ANTERO

Creio que não pôde tardar.

CLARA

Somos verdadeiras amigas.

ANTERO

As almas boas compreendem-se.

CLARA

Quando, sobretudo, as liga a afeição de quem é tão carinhoso, não é verdade?

ANTERO

Como é lisongeira!

CLARA

Lisongeira, eu! Como se engana! Desde que o

conheci, comecei a comprehendel-o e a . . . estimal-o.

ANTERO

Mal supunha que fosse tido em tão grato conceito.

CLARA

Digo-lhe o que sinto. Não sei mentir.

ANTERO

(*Com agitado enleio e anciedade*) Clarinha . . . Não . . . sr.^a D. Clarinha . . . Perdõe-me; mas sinto-me tão confuso diante de si! . . . Ah! se soubesse . . . (*Num tom sacudido*) E' a minha mãe que de seja falar, não é verdade?

CLARA

(*Com adoravel galanteria*) Mas porque não terminou a sua confissão? . . .

ANTERO

Ah! não era nada. Uma loucura . . . Enquanto minha mãe não chega, falemos doutra coisa.

CLARA

Do tempo, por exemplo?

ANTERO

Sim, do tempo, do sol, das flôres . . .

CLARA

(*Atalhando-o*) Das flôres, sobretudo, que tanto adoro.

ANTERO

Nesta quadra são dum encanto divino. Que perfume, que viveza de côr! Eu tambem as adoro muito. Não tanto como . . .

CLARA

(*Num gesto de suave interrogativa*) Como? . . .

ANTERO

Como a si, Clarinha... Perdõe-me este desabafo. Estou mesmo a desconhecer-me!... Na sua presença sentia-me sempre duma timidez de criança. Considerava-me por um momento e via-me pobre, sem pai, só possuindo o meu braço para amparar a decrepitude duma santa mãe, que me quer e me acalenta nos grandes infortúnios. Conhecia a distancia que me separava duma mulher a quem bafejam todos os regalos que dá a fortuna. Agora, porém, que as suas palavras trouxeram á minha alma o orvalho consolador duma esperança, não pude sufocar por mais tempo este fogo que me abrazava. Fui imprudente?... Deixa-lo. Ah! mas não queira vêr na sincera revelação do meu affecto o minimo vislumbre de interesse sordido. Se a amo com todo o calor da minha ternura é pela pureza da sua alma e pelo deslumbrante fulgor do seu olhar.

CLARA

Como a sua voz me enternece!...

ANTERO

Ah! mas que ninguem o sonhe. Poderia a minha locura ir perturbar a tranquillidade da sua alma. Antes fugir para bem longe, ao vê-la sofrer por minha culpa. Se alguma vez lhe falarem em mim, desconheça-me, despreze-me até, que eu saberei recalcar o doce affecto que me inspirou.

CLARA

E' tão orgulhoso!

ANTERO

Não, sou leal.

CLARA

Cuidado. A sua lealdade também pôde perdê-lo.

ANTERO

(*Com surpresa*) Ignoro o que quer dizer.

CLARA

Conhece bem todos os indivíduos que o rodeiam?

ANTERO

Por enquanto nada me dá direito a duvidar da sua conduta.

CLARA

E dentre todos não haverá algum que possa atraí-lo?

ANTERO

Mas semelhante pergunta embaraça-me!

CLARA

Crê em mim?

ANTERO

Como na grandeza do meu ideal.

CLARA

Então ouça: esse homem que acaba há pouco de sair daqui não corresponde á sua confiança.

ANTERO

Ernesto! Ah! mas isso é impossível!...

CLARA

Ha indivíduos que disfarçam maravilhosamente o ruim proposito que os domina. Ele é um desses.

ANTERO

Assombra-me!

CLARA

Na sua presença anima-o, não é verdade? Aco-

lhe as suas ideias com entusiasmo, aplaude calorosamente os seus projectos; lá fôra, e a ocultas, criava-o de ironias, indis põe-o com os seus companheiros, indo até á denuncia!

ANTERO

(*Perplexo e assombrado*) Mas as prevas, as provas...

CLARA

A propria confissão de meu pai, a quem ele foi revelar todos os seus intuitos.

ANTERO

(*Com colera*) Miseravel!

CLARA

(*Suplicante*) Por quem é, não se exalte. Meu pai ameaça despedil-o da fabrica. Vim, sobretudo, para avizal-o. Diga-me: não é verdade que prepara uma greve, caso meu pai não aceda ás suas reclamações?

ANTERO

E' verdade.

CLARA

Bem vê que sei tudo. (*Antero cai em profunda meditação*) Fiz mal em vir tortural-o assim. Arrependo-me... Mas, porque sucumbe?

ANTERO

(*Mostrando um claro semblante de valor*) Eu, succumbir!... Bem grato lhe fico, Clarinha. (*Aperta-lhe as mãos*).

CLARA

(*Depois dum curto silencio*) Afinal, peza-me ter vindo magoal-o.

ANTERO

Como se ilude! Tenho o culto da verdade.

CLARA

Mas as suas ideias, Antero...

ANTERO

(*Com vivacidade*) Compreendo perfeitamente. E são as minhas ideias e a minha independencia de caracter que ánanhã obrigarão seu pai a lançar-me á rua como um animal desprezível! Pois serei superior a todas as adversidades. Nem ameaças me vencem, nem traições me farão baquear. (*Com altivez*) Saiba, Clarinha, que abomino todas as indignidades.

CLARA

(*Correndo para ele e tomando-lhe as mãos*) Por quem é, Antero, não me recrimine. Fui sincera talvez de mais. Ah! mas ouça-me, ouça-me até ao fim. (*Fitando-o com veemencia*) Vou dizer-lhe uma coisa, Antero.

ANTERO

?...

CLARA

Se crê na sinceridade duma alma que sente como a sua, se pôde conceber que existe um coração que palpita ardentemente por uma felicidade entresenhada nos momentos mais dôces da sua existencia — essa alma, esse coração, que agora lhe fala a linguagem mais pura e apaixonada, nunca o abandonará nas derradeiras extremidades.

ANTERO

(*Extasiado e comovido*) E' a voz dum anjo que ouço! Como tudo isto me parece um sonho!...

CLARA

(Sorrindo docemente) Mas é... a realidade!

ANTERO

Venturosa realidade que me faz entrevêr um paraizo deslumbrante! Como avalio toda a nobreza da sua alma! Deixe-me confessar-lhe: se soubesse ha que tempos recalcam no peito os impetos do meu coração! Se imaginasse as angustias da minha alma, as torturas do meu espirito ao reflectir que dum lado via uma joven formosa e rica, cortejada de todas as considerações, que, infelizmente, a sociedade do nosso tempo faz avultar, e do outro um obscuro filho do trabalho, modesto, desprezencioso, só arrebatado por um ideal sublime, rico de sentimentos são, mas indigente de prosperidades materiais, ah! minha adoravel Clara! conheceria todo o meu enorme sofrimento e toda a minha grande magua!... Não ousava abeirar-me de si. Quantas vezes, do fundo tumultuoso da officina, a contemplava em extática adoração! E quando a ouvia falar e rir na frescura da sua graciosa juventude, mal supunha eu que na sua alma tambem começava a desabrochar a candida flôr que me havia de inebriar com a fragrancia do seu perfume!

CLARA

(Inquieta, olhando para o F.) Ouço passos!...

CENA 4.^a

Os mesmos e Quiteria

QUITERIA

(Assomando ao F.) Oh! por aqui snr.^a D. Clarinha! Ha tanto tempo que a não vejo!

CLARA

Pois hoje não quiz passar pela sua porta sem, ao menos, lhe dizer adeus.

QUITERIA

Como é bondosa!

CENA 5.^a

Os mesmos e Faustino

FAUSTINO

(*Entrando muito assodado, limpando o suor da testa*) Apre, que estou farto de dar á perna!... E tudo por causa deste snr. meu sobrinho, que não se resolve a tomar juizo. (*Reparando em Clara e saudando-a*) Perdão, minha senhora. Nem a via! (*A'parte, olhando para Antero*) Hum!... Parece-me que anda moiro na costa...

QUITERIA

(*Com visível inquietação*) Mas que aconteceu?...
bibRIA

FAUSTINO

(*Poisando o chapéu sobre a secretária e sentando-se*) Socega, que não foi nenhum tremor de terra. Mais tarde saberás tudo. Agora, se me dás licença, precisava de conversar com o Antero.

CLARA

(*Para Quiteria*) Deixemol-os sós, snr.^a Quiteria.
(*Saem*)

FAUSTINO

(*Para Antero*) Dize-me: que quer isto dizer?

ANTERO

Não percebo.

FAUSTINO

A presença desta senhora em tua casa?

ANTERO

Ha muito que é visita de minha mãe.

FAUSTINO

Será assim, mas... (*Mudando de tom*) Bem, vamos ao que importa.

ANTERO

Ao seu dispôr, meu tio.

FAUSTINO

Fizeste-la aceiada! Cantaste?... Pois dança agora.

ANTERO

Ah, já sei ao que se refere.

FAUSTINO

Quem t'o disse?

ANTERO

Essa snr.^a que acaba de sair.

FAUSTINO

(*Com surpresa*) A filha do snr. Procopio!

ANTERO

Ela mesma.

FAUSTINO

Eu logo supuz que andava moiro na costa.

ANTERO

Porisso me encontram precavido. Oxalá não dan-sêmos todos.

FAUSTINO

Eu é que espero não entrar no baile. Já estou velho para folias.

ANTERO

Atê vêr não é tarde.

FAUSTINO

E's um desvairado.

ANTERO

Perdão, meu tio. Lembre-se de que estou em minha casa.

FAUSTINO

Mas que ha nisso de extraordinario ? Porventura não exerço sobre ti a autoridade dum tio ?

ANTERO

D'aí, a alcunhar-me de...

FAUSTINO

(*Atalhando-o com aspereza*) Tôlo. Creio que não sou injusto. Fui eu quem tomou o encargo de vigiar os teus actos.

ANTERO

Contudo, á sua autoridade anteporei a de minha mãe.

FAUSTINO

Ora, tua mãe ! Uma mulher, e como todas, fraca, passa culpas e choramigas.

ANTERO

O estudo e ainda a experiencia tem-me feito conhecer a vida.

FAUSTINO

Pois sim. Mas levas-te nas cantatas de idealismos insolitos, e d'aí errares as passadeiras. Então a tua apregoada experiencia ainda te não ensinou a duvidar da solidariedade dos teus companheiros ?

ANTERO

(*Em tom de profunda convicção*) Creio nela com viva fé.

CENA 6.ª

Os mesmos e Quiteria

QUITERIA

(*Com semblante triste e sucumbido*) Será verdade o que a snr.ª D. Clarinha acaba de me dizer, Antero! ?... Seu pai que te ameaça despedir da fabrica! O' meu filho! Abandona essas ideias que são a causa da nossa desventura. Não dês ouvidos a semelhantes doutrinas, que só te acarretarão o odio dos grandes e o desdem dos teus iguais.

ANTERO

(*Com amarga e inalteravel serenidade*) Tranquillise-se, minha mãe. Enquanto houver força no meu braço e coragem no meu animo nunca lhe faltará o pão.

QUITERIA

(*Com ar de supplica*) Mas suplico-te que me obedças.

FAUSTINO

Era precisamente nisso em que falavamos.

QUITERIA

Se ainda não houvesse traidores!

ANTERO

Refere-se tambem ao Ernesto?

FAUSTINO

O quê! Pois esse melro é o primeiro!

ANTERO

Que importa? Um de menos ou um de mais nada vale. Tais perfidias não me farão baquear. As minhas ideias nascidas dum estudo aturado e fortalecidas pela convicção mais firme não se abalam ao

choque do primeiro embate. Demais, essa gente apavora-se sem causa de monta. Desconhece ou finge ignorar a justiça das nossas reivindicações. Podendo todos colaborar na mesma obra de emancipação, erguem o facho da discordia para menoscar os nossos intuitos! Ao que eles chamam o seu direito, antepomos o nosso, bem mais legitimo. Pretendem arrastar-nos para uma solução que não desejamos. Provocam a luta?... Lutaremos então.

QUITERIA

Eu vou falar ao snr. Procopio, suplicar-lhe que não te prejudique.

ANTERO

(*Com altivez*) Nunca! Seria a maior das ignomias! O que diriam os meus companheiros? «Olha o Antero! Prêga uma coisa e pratica outra! Um traidor. Anda-nos a exaltar os bons princípios e não tem pejo de, a ocultas, mandar a mãe implorar misericórdia!»

Ah! não! Mil vezes abrir a boca, sem encontrar alimento.

FAUSTINO

Refinado orgulhoso! (*A'parte*) A quem diabo sairá o rapaz?!... A mim é que não.

ANTERO

Não sou orgulhoso, prezo-me de digno.

FAUSTINO

Tua alma, tua palma.

ANTERO

Deixai os patrões escabujar na lama dos seus vis egoismos. Um formidável protesto de todos nós reventará como um brado de justiça.

FAUSTINO

Fia-te nessas...

ANTERO

A greve então será o ultimo recurso.

QUITERIA

(Com amargura) Meu filho! Tem piedade de tua mãe!...

FAUSTINO

Formidavel ingenuo!

ANTERO

Não sou um ingenuo, sou um crente!

FAUSTINO

A crêr andei tambem quando tinha a tua idade.

ANTERO

E' porque se extinguiu na sua alma o fogo da convicção.

FAUSTINO

E's uma criança! Se andasses pelos setenta e cinco, como eu, decerto não trarias a cabeça pelas nuvens. Olha, Antero; é a experiencia que te fala. (Pequena pausa) Como tu, acreditei na dedicação e generosidade dos outros; como tu, seguia um fito luminoso e belo que me fascinava, povoando-me o cerebro de esperanças risonhas. Como tu, fui um crente sincero, arrisquei-me como poucos, fiz todo o possivel para alcançar esse bem tão desejado nos momentos do meu delirio revolucionário... O que sucedeu?... Ilusões, desenganos, perfidias, um conjunto de contrariedades formidaveis que me lançaram na miseria e no desalento, abandonado até dos que mais me deviam e por quem me tinha sacrificado incondicionalmente. Enquanto eu gemia, acossado por uma perseguição odienta, quasi feroz, arranjavam-se os outros ás mil maravilhas!... Re-

solvi então esquecer-me do passado e reconstruir uma nova existencia de trabalho e serenidade, mais acomodaticia, é certo, mas mais pratica sem duvida. Constrangi o meu temperamento, após o conhecimento dos homens e das coisas, moldei as minhas exigencias ás necessidades que me cercavam e, por fim, cheguei á conclusão, bem triste, na verdade, de calar sem protesto todas as injustiças que se erguiam na minha frente. Hoje, como vês, não vivo mal. Nem me faltam recursos, nem a consideração dos meus superiores. (*Curta pausa*) Olha, rapaz; o mundo, afinal, é quasi todo feito dum torpe egoismo, e louco será aquele que se deixa enredar nos seus liames traiçoeiros. E's um crente, bem sei... Mas a primeira prova surge agora, e então considerarás o valor das minhas palavras. Oxalá eu me engane; contudo, não creio que a sociedade já se tenha transformado em tão pouco tempo.

ANTERO

(*Comovido*) Acato os seus conselhos, meu tio; porém, o procedimento dos meus companheiros ainda me não deu direito a duvidar da sua lealdade.

FAUSTINO

Sim?!... Muito folgo com isso. Falei-te com a voz da razão. Nada mais tenho a dizer-te. (*Indo para sair e dando com Aniceto, embriagado, que vem entrando*) Sabes o que me dóe, é...

CENA 7.^a

Os mesmos e Aniceto

ANICETO

(*Amparando se á parede e dirigindo-se a Faustino*) O que é que lhe dóe, mestre Faustino?...

FAUSTINO

E' de vêr meu sobrinho rodeado de bêbedos,

como tu. *(Para Antero)* E' destes com que contas?... Estás bem servido, não ha duvida. *(Sáe, acompanhado de Quiteria)*

ANICETO

(Avançando a cambalear e dirigindo-se a Antero)
Não faças caso do que diz o velhote. Aquilo, pelos modos, já não regula bem.

ANTERO

(Com mágua, olhando para Aniceto) A vida é bem deploravel!

ANICETO

(Estirando-se numa cadeira e acendendo um cigarro) Qual carapuça!... A vida é uma pandega. Tendo-se saudinha no corpo e algum vintem na algibeira para refrescar a guela, ora adeus! Ha lá coisa melhor!... *(Supondo estar presente Quiteria)* Que me diz a isto, snr.^a Quiteria? Falo bem ou falo mal? *(Dando pela sua ausencia)* Ah, tambem se pôz ao fresco. *(Reparando em Antero, que se foi sentar á secretária, muito preocupado)* Que diabo estás para aí a magicar?... Bebe-lhe como eu, e verás como a alegria entra contigo. Não vês como eu ando contente? *(Ri-se)* Paixões, amigo; que as leve o diabo...

ANTERO

Desgraçado!

ANICETO

O quê!... Desgraçado! Eu! . Como te enganas! *(Ergue-se com gesto resolutivo, mas cambaleando sempre)* Em como neste momento seria capaz de arremeter com um exercito de... de...

ANTERO

... decilitros, com certeza?

ANICETO

(*Caindo na cadeira e rindo ás gargalhadas*) Acertaste. Boa piada, sim, senhor. (*Vendo Antero a vestir-se para sair*) Então tambem me deixas ás mãos! ?...

ANTERO

Se quizeres espera. (*Sáe*)

ANICETO

Afinal, é belo rapaz. Um bom moço, este Antero. Por ele só é que arriscaria a pele... No que se fia... é em larachas.

CENA 8.^a

Aniceto e Quiteria

QUITERIA

(*Entrando apressada*) Meu filho?

ANICETO

Foi tomar ar.

QUITERIA

E o snr. Procopio que vem aí! Tão boa ocasião para tudo se harmonisar!...

ANICETO

O patrão?... Deixal-o vir. Já cá nos encontra.

QUITERIA

E' melhor retirares-te para ali, Aniceto; não te vá ele encontrar nesse estado. (*Conduzindo-o com boas maneiras para um compartimento interior*). Aqui, ficas bem.

ANICETO

A snr.^a Quiteria quer então embocetar-me? Nessa não caio eu. Vou mas é dar mais um regalo á garganta.

QUITERIA

E se dás com o snr. Procopio?

ANICETO

Que tenho eu com isso? Hoje é domingo, é dia de folga. (Sae)

CENA 9.ª

Quiteria, Procopio e depois Antero

PROCOPIO

(Ao F.) Dão-me licença?

QUITERIA

Ora essa, snr. Procopio! (*Procopio adianta-se*).

PROCOPIO

Seu filho não está?

QUITERIA

Saiu ha pouco, mas creio que não póde demorar-se. Se me permite: trata-se d'algum negocio urgente? ... Mas eu vou procural-o.

PROCOPIO

Não, não se incomode. Esperarei.

QUITERIA

Esperar! Nada, eu vou, eu vou... (Sae)

PROCOPIO

(*Acabando de examinar os retratos das paredes*)
E é esta malta que ele tem por cá! ... (*Vai sentar-se*) Olha se por aqui se vê a imagem d'algum santo! Pois não viste? (*Assoando-se com estrondo*) Grande corja! (*Vai á secretária de Antero, pega num dos jornais, mas pouco depois arremessa-o com desprezo*) Forte borracheira! Nem gente, nem doutrina! Que sucia de pedreiros livres, inimigos da religião e da sociedade! E ha-de ser com figurões desta laia que se reformará o mundo! O que eles querem, bem

sei eu. E' o nosso rico dinheirinho para andarem de costa direita, em pandegas, embebedando-se e provocando desordens! Estavamos arrançados. Linda sociedade, não ha duvida. (*Com rancorosa decisão*) Pois quem vai ensinal-os é cá o Procopio. Este snr. Antero ou muda de ideias ou hoje mesmo pré-go com ele no olho da rua. Olé!... Irra que são malandros!...

QUITERIA

(*Entrando, com semblante contrariado*) Por mais voltas que dei não foi possivel encontral-o.

PROCOPIO

Não se affija, que eu espero.

QUITERIA

Se não sou indiscreta, snr. Procopio, não poderia saber do que se trata?

PROCOPIO

Um assunto bastante grave.

QUITERIA

O snr. Procopio assusta-me!

PROCOPIO

Não vale a pena. Trata-se apenas de...

QUITERIA

(*Atalhando-o inquieta*) De meu filho, provavelmente?

PROCOPIO

Nem mais, nem menos. Seu filho vai por mau caminho. Ha uma boa duzia d'anos que ele trabalha na minha fabrica e, devido ao seu bom comportamento e habilidade, habituei-me a estimal-o. Ultimamente, porém, como paga da consideração que

lhe dispensava, deu-se a investir contra a minha auctoridade, a autoridade do seu patrão, tentando propôr-me exigencias que representam uma verdadeira audacia e usurpação dos meus direitos.

QUITERIA

(*Suplicante*) Mas, snr. Procopio, meu filho é bom.

PROCOPIO

Era, era. Hoje tornou-se um insubordinado.

QUITERIA

Sempre o considerei um caracter justo.

PROCOPIO

Pois que coma da sua justiça.

ANTERO

(*Que ouviu as ultimas palavras, avançando com gesto varonil*) Comerei, sim, snr. Procopio. (*Procopio, que está de costas voltadas para o f., ergue-se dum salto*)

PROCOPIO

(*Recobrando a primitiva serenidade, após um momento*) Faça-lhe bom proveito. Não serei eu que lhe vá perturbar a digestão.

ANTERO

Causa-me espanto semelhante maneira!

PROCOPIO

Não tem de que se espantar.

ANTERO

(*Para Quiteria*) Minha mãe: pôde deixar-nos sós por um momento? (*Quiteria mostra-se visivelmente contrariada; mas instada por Antero, cede por fim*).

PROCOPIO

Já que estamos sós, poderemos entender-nos. Poderia tel-o mandado chamar; mas decidi apresentar-me em sua casa para lhe evitar maior trabalho. Já vê que sou condescendente. Deve talvez supôr ao que venho, não é verdade?

ANTERO

Para o que fôr, encontrar-me-ha prevenido.

PROCOPIO

Ainda bem. Ouça então : ultimamente tenho observado que os seus propositos enveredam por mau caminho.

ANTERO

Foi o Ernesto que o informou?

PROCOPIO

Fosse quem fosse. Eu tambem tenho olho. (*Antero tenta falar*) Mas não me interrompa. (*Curta pausa*) Isso tem-me contrariado de veras, como pôde imaginar, porquanto o tinha na melhor conta entre os operarios que trabalham na minha fabrica. Ora, a prosseguir nesse rumo, que levanta a discordia e quebra a disciplina, ver-me-hei na dura, mas necessaria, obrigação de usar dum processo que, por todos os meios, desejaria evitar.

ANTERO

E', então, uma ameaça que ousa vir fazer-me em minha casa.

PROCOPIO

Não venho ameaçar, venho avisar.

ANTERO

Dispensio tais avisos. Tudo isso, porém, obedece

a uma resolução preconcebida. Pois, snr. Procopio; ameaças, desprezo-as, e tentar demover-me dos meus propositos é tarefa inutil.

PROCOPIO

Faça o que entender.

ANTERO

Discutâmos com serenidade. Os snrs., em geral, começaram como nós. E no meio da labuta atrofian-te da oficina, entre a penuria e a desesperança, quantas vezes não haviam de sentir ferver-lhe no peito os impetos da revolta por uma situação de desigualdade e de injustiça! E ao passo que isso se dava, presenciaram também amargos ultrajes, tiranias que, muitas vezes, os fariam romper em desabafos tremendos de protesto. No entanto, a epoca era bem diversa. A luz da instrução ainda não havia raiado no cerebro do operariado, espancando as trevas que o algemavam a uma existencia de sujeição escravizadora. O operariado desse tempo desconhecia a força do movimento associativo, porque inculto e fatalista, não procurava guiar-se por uma orientação rasgadamente humana e cientifica, que hoje irrompe por toda a parte, rasgando-nos horisontes novos de progresso. *(Com eloquente convicção)* Snr. Procopio, o operariado do nosso tempo já não é o vil escravo d'outrora, sujeito aos pontapés dos poderosos. Já não é o animal de carga a quem os grandes arrancavam a pele num labor fatigante. O operario d'hoje, por que se vai instruindo e educando, possue a nitida compreensão do seu lugar no meio da sociedade em que vive, e de fôrma alguma consentirá que venham á sua propria casa afrontal-o com reptos insolentes. Compreende-me agora?

PROCOPIO

Loucuras...

ANTERO

Não são loucuras, são desabafos d'almas oprimidas. Chama o snr. Procopio loucuras á linguagem sincera dum homem que ama o bem e a honra? Creio que havia a esperar da sua parte uma resposta mais condigna.

PROCOPIO

(*Confuso*) Não seria talvez a que o snr. desejava; mas, em resumo, ao que eu não estou resolvido é ceder a qualquer reclamação da sua parte. Eu só!

ANTERO

E os outros seus colegas, sem duvida. Todos lêem pela mesma cartilha. Apavora-os o nosso brado de revolta. Os snrs. teimam em não ouvir as nossas queixas, repudiam as nossas conciliações, hostilizam-nos, perseguem-nos, e por fim... insultam-nos! Pois bem. Aceitaremos a luta no campo em que a colocarem. O pleito em que nos empenhamos não afrouxará um momento, avançará sempre, continuamente, por gerações, por seculos, até que a humanidade reivindique o que de justiça lhe pertence.

PROCOPIO

Bonito palavreado.

ANTERO

Que virá a traduzir-se em obras.

PROCOPIO

Quando?

ANTERO

No dia em que todos, unanimemente, comprehendam o seu dever.

PROCOPIO

Por consequencia...

ANTERO

E' inutil insistir.

PROCOPIO

(*Colerico e arrogante*) Nem, ao menos, vê que a sua propaganda funesta desvaira e perverte?!...

ANTERO

(*Sereno e ativo*) E tambem não vê que os nossos ideais assentam em bases perfeitas, tendendo a proporcionar aos filhos do trabalho uma situação, sem as misérias do presente, nem as incertezas do futuro?!...

PROCOPIO

E os nossos capitais?

ANTERO

E o nosso trabalho?

PROCOPIO

Pagamol-o.

ANTERO

Exploram-no.

PROCOPIO

(*Não podendo conter-se*) E' um louco!

ANTERO

Lembre-se, snr. Procopio, que está em minha casa. Não consentirei abusos.

PROCOPIO

(*Atarantado*) Mas... sim... está bem... (*Placidamente*) Arriscamos dinheiro, sofremos desastres, aguentamos os abalos da concorrência, e, no fim, sal-

tam os meus caros snrs. operarios, que sem nada dispendirem, dormindo as noites sem sobresaltos, entram pela nossa casa dentro para exigir com todo o despalante o respectivo *dividendo*! Boa...

ANTERO

E, contudo, os meus caros snrs. patrões prosperam, engordam, vivem na abundancia e na grandeza, dando bailes e banquetes faustuosos, emquanto que nós, que produzimos com a nossa atividade e com o nosso esforço todos esses regalos, andamos á mercê, definhando-nos, escalavrando os ossos, mal grangeando para o mesquinho sustento da familia!

Snr. Procopio: o capital sem o trabalho é nulo, e emquanto aquelle não se extermina pela socialisação de todos os elementos da produção, é urgente que se estabeleça uma harmonica transigencia entre aqueles dois factores. E' por agora o que se pretende. Redução d'horas de trabalho, salario remunerador, independencia profissional e participação nos lucros. (*Sinal de pasmo de Procopio*) Espanta-se! Não sei porquê. Demais, não é novidade que lhe dou. Sabe qual foi a casa que primeiro iniciou este sistema?... Foi a casa Leclair, de Paris. A seguir a esta, outras mais na Alemanha, na Suissa e na Inglaterra. Muitas empresas dessa ordem tem-se convertido muitas vezes em cooperativas de produção e são ainda um magnifico preparativo para elas. (*Visivel repugnancia de Procopio*) Ah, os snrs. não querem entender assim? Tanto peor.

PROCOPIO

(*Com desespero*) Sigam o seu norte.

ANTERO

Lutaremos.

PROCOPIO

(*Num impulso de extrema exultação*) Veremos quem a leva a melhor.

ANTERO

(*Com aprumo e sereno*) Nós, sómente nós!

PROCOPIO

E' um verdadeiro desfôro. Participação nos lucros!

ANTERO

Sim, nos lucros. Se lá fóra já se exerce esse excelente sistema, que estranheza é, pois, que se inicie em Portugal?

PROCOPIO

Lerias, lierias...

ANTERO

Verdades, verdades é que são.

QUITERIA

(*Correndo agitada para Antero*) Por quem és, não te exaltes!

PROCOPIO

Irão até á greve, não é assim.

ANTERO

A tudo que fôr indispensavel para o triunfo da nossa causa.

PROCOPIO

(*Indo a sair*) Pois então fique sabendo desde já que dispenso os seus serviços.

QUITERIA

(*Suplicante para Procopio*) Que desumanidade, senhor!

ANTERO

(*Desviando Quiteria*) Implorar a verdugos, minha mãe, é ultrajar a dignidade. (*Para Procopio*) Saiba que não me surpreende a sua resolução.

PROCOPIO

Conhecia-a já?!...

ANTERO

Por sua filha. Existe um sentimento mais nobre que paira sobre o vil egoísmo.

PROCOPIO

(*Com estranha estupefacção*) E' inaudito! Similhante perversidade é própria dum biltre!

ANTERO

(*Corre sobre Procopio, segura-o pela gorja, tentando estrangulal-o*) Miseravel!

QUITERIA

(*Intervindo no meio de intensa agitação*) Antero! Antero! Que nos desgraças!

PROCOPIO

(*Quasi sufocado, tenta desesperadamente desembaraçar-se de Antero*) So...cor...ro!...

ANTERO

(*Suspendendo-se repentinamente, comovido pelas supplicas angustiadas de Quiteria, arremessa com desprezo Procopio pela porta do F.*) Vai-te ignobil criatura; e dize aos da tua laia, que nos escravizam e exploram, quanto póde o vigor dos nossos braços! (*Cai o pano*)

FIM DO 1.º ACTO

ACTO 2.º

E' noite. Gabinete do escritorio commercial de Procopio, fartamente illuminado por um candieiro de abat-jour sobre a secretária. Ao lado da porta do F. uma estante com livros commerciaes e diversos papeis. Num dos angulos do gabinete um cofre de ferro, e na parede de fronteira á secretária um relógio. A D. A. um fogão acêso.

CENA 1.ª

**Procopio, Leonardo, um criado
e depois Ernesto**

PROCOPIO

(Recostado numa cadeira de braços, junto da secretária) E que me diz, meu caro socio, ao logro em que os palermas caíram?

LEONARDO

(Acendendo um charuto, sentado junto do fogão)
Bem pregada peça! *(Ri ás gargalhadas)*

PROCOPIO

(Rindo tambem e fungando uma pitada) Em que deu a berrata do tal mariola do Antero!... Apanhou uma ensinadela, que lhe ficará de lembrança.

LEONARDO

Pelo que devemos louvar o nosso caro Ernesto. E' um esplendido auxiliar. Tem lume no olho.

PROCOPIO

Fino como um coral.

LEONARDO

E' possivel que ao Antero e á sua malta ainda lhes não ficasse de emenda.

PROCOPIO

Não me parece. Julgava que levava tudo no embrulho, mas falharam-lhe os calculos.

LEONARDO

Sucede isso a muito boa gente. Agora, recompensa aos submissos e enxovia com os insurrectos.

PROCOPIO

Nem mais, nem menos.

LEONARDO

Grandissimos idiotas! Como se nos atemorisassem com a *grève*!

PROCOPIO

Se temos a faca e o queijo na mão!

LEONARDO

Podemos talhar á vontade.

PROCOPIO

E se todos os meios falhassem ainda havia um recurso.

LEONARDO

Qual?

PROCOPIO

Fechar a fabrica, e depois que fossem cavar pés de burro.

LEONARDO

Decerto.

PROCOPIO

Emquanto a sociedade assim existir, quem dá as cartas somos nós.

LEONARDO

O dinheiro, o dinheiro.

PROCOPIO

O mais são lérias. E quem quer arranja-o.

LEONARDO

Póde lá consentir-se tamanha rebeldia! Ainda é cedo para nos meterem susto. Onde é que se vê a união que tanto apregoam?

PROCOPIO

Viu-se agora. Ao menor assômo de resistencia, cada um tomou para seu lado. Uns desmiolados que, afinal, merecem compaixão.

LEONARDO

Compaixão!

PROCOPIO

E' um modo de falar. Eu nunca a terei por similliante canalha.

CRIADO

(*A' porta do F.*) O snr. Ernesto Gonçalves.

PROCOPIO

(*Endireitando-se na cadeira*) Que entre, que entre. (*Ernesto entra*)

LEONARDO

Oh! bemvindo seja, meu amigo. (*Aperta-lhe a mão*)

PROCOPIO

Que mais ha, Ernesto?

ERNESTO

Completo socego. Nunca supuz que as coisas terminassem com tanta facilidade. (*Vai sentar-se junto do fogão, perto de Leonardo*)

LEONARDO

E pelo melhor, hein?

ERNESTO

Admiravelmente!

LEONARDO

Tudo havia a esperar da tua rara sagacidade.
(*Ernesto inclina-se lisongeado*)

PROCOPIO

Anda, conta-nos tudo pelo miúdo.

ERNESTO

E' impossivel, tantas foram as peripecias. Contudo, procurarei esclarecel-os suficientemente. (*Curta pausa*) Declarada a greve, como sabem, os operarios logo abandonaram a fabrica. Consegui, no entanto, abordar alguns e com belas promessas sempre se resolveram a retomar o trabalho. Daqui, surgiu a fatal intervenção dos companheiros mais renitentes, com o Antero á frente. Estabeleceu-se a confusão, rebentou a desordem. Os gritos de protesto reboavam ensurdecedores. A policia e a força militar, que guardavam as imediações, entraram em acção. A principio, com maneiras suasorias; depois, como os revoltados tomassem isso á conta de fraqueza, redobrando em imprecações terriveis, não foi possivel conter a prudencia. Sucedeu-se um borbo-rinho infernal. Impunham-se meios energicos. Um chuvaire de pedras sibilou. Os feridos contavam-se por dezenas. Recorreu-se aos extremos, esgotados que foram todos os demais recursos. Travou-se luta acesa, acabando pela prisão do Antero e de mais outros que se evidenciavam na refrega. Instantes depois tudo voltava á primitiva quietação, a não ser

um ou outro mais ousado que de vez em quando surgia, vociferando contra os companheiros, que permaneciam na fabrica, submissos ao trabalho. E aqui está como uma temerosa tempestade se desfez numa rapida calmaria!

LEONARDO

Graças á tua pericia, Ernesto. Deixa estar que o tal sr. Antero conhecerá agora a arriosa em que se meteu.

PROCOPIO

Para tratantes da sua laia não pôde haver commiserção.

ERNESTO

Na verdade.

LEONARDO

A estas horas já sentirá os primeiros amargos de boca. Refinadissimo mariola!

ERNESTO

Um desvairado que não mediu o alcance de semelhante aventura!

PROCOPIO

Ordem acima de tudo.

LEONARDO

A ordem e os nossos interesses.

PROCOPIO

Tal e qual. Havia lá coisa melhor do que, além de oito horas de trabalho apenas, dividir ainda os lucros com essa malta! Nesse andar, para onde caminharíamos? Levar-lhes o dinheiro a casa!

LEONARDO

E dizer-lhes ainda por cima: *muito obrigado!*

PROCOPIO

Isso, isso... (*Riem todos*)

ERNESTO

Seria a mais completa desorganização social.

PROCOPIO

Um descalabro, sobretudo, para todos nós.

LEONARDO

(*Para Ernesto*) Mcstraste que és um espirito solidão, não querendo associar-te a essa matula.

PROCOPIO

(*Para Ernesto*) Os teus serviços serão generosamente recompensados.

LEONARDO

Foste um amigo dos mais leais. Desde hoje assumirás a gerencia de todos os negocios da fabrica. (*Indicando Procopio*) Aqui o meu socio creio que concordará comigo.

PROCOPIO

Ora, ora! Nem se pergunta!

ERNESTO

Penhora-me a grande confiança que em mim depositam. Como poderei retribuir tantos favores?

LEONARDO

Com a tua amizade e dedicação d'ha pouco.

PROCOPIO

Ah! mas não posso calar o vil procedimento de esse Antero! E' o que mais me revolta. Da ultima vez que me avistei com ele estive vai não vai para estrangulal-o!

LEONARDO

Pois o amigo teria semelhante coragem?!

PROCOPIO

Era uma vez um Antero se lhe não acode a mãe. Eu, virado do avêssô, sou peor do que um toiro!

LEONARDO

Bravo, amigo Procopio! Dê-me cá a sua mão. (*Apertam-se as mãos*) Eu sempre admirei os animos arrojados.

PROCOPIO

E' o que lhe digo: quando me tiram do meu serio vai tudo com seiscentos diabos.

ERNESTO

(*A'parte*) Que formidavel covardão! (*Alto*) Conheço de quanto é capaz o snr. Procopio.

PROCOPIO

Ainda bem que sabes fazer justiça.

LEONARDO

Honra ao merito. Tambem sei que o amigo chega a ser feroz... (*A'parte*) como um borrego.

PROCOPIO

(*Erguendo-se com entusiasmo*) Em me saindo alguem fóra dos têtos — (*Com gestos de lutador*) zás, traz, esgaço... rebento... Faço tudo em frangalhos!...

LEONARDO

(*Ironico*) E' terrivel, este Procopio!

PROCOPIO

Sou um tigre!

ERNESTO

(*A'parte*) Sem garras.

LEONARDO

(*Olhando por uma porta aberta sobre o inte-*

rior) Ai vem sua filha. Vou deixal-o, meu caro socio, porque preciso entender-me desde já com o Ernesto sobre os negocios da fabrica. (*Procopio faz gesto de aceder e Leonardo e Ernesto saem*).

CENA 2.^a

Procopio, Clara e uma criada

PROCOPIO

(*Para Clara*) Não podias chegar mais a proposito. (*Indica lhe uma cadeira, junto dele*) Uma coisa bem séria tenho a dizer-te: sabes o que neste momento mais me preocupa?—O teu futuro. Sinto-me velho, cansado, e se de repente a morte me surpreende, ficas só, a braços com dificuldades superiores á tua idade e á tua educação. A perda da tua mãe foi um grande transtorno para ambos; por isso, cumpre-me esclarecer a tua situação, dirigindo as coisas para um fim que te seja assaz vantajoso.

CLARA

Trata-se então...

PROCOPIO

Do teu futuro, isto é: do teu casamento.

CLARA

(*Sorrindo*) Não supunha que já fosse tão velha!

PROCOPIO

Vinte anos.

CLARA

E' a idade das illusões. Não vê como sou ainda uma criança?!... Posso lá pensar em assuntos de tanta gravidade!

PROCOPIO

Para mim já era uma crua realidade.

CLARA

Não duvido, meu pai. Para mim, porém...

PROCOPIO

Tem sido um mar de rosas. Mas deves encarar a vida por outro aspecto, Clara.

CLARA

E poderei na minha idade sujeitar o espirito a rudes considerações?

PROCOPIO

Que remedio! (*Curta pausa*) Fundos pesares têm ultimamente atormentado a minha existencia. Para mais, a ingratidão desse Antero, desse maltrapilho que eu agasalhei com tanta estima!

CLARA

(*Estremecendo*) Antero, maltrapilho!... Ah! mas sempre o considereei um operario honesto.

PROCOPIO

Acaso pretendes defendê-lo?!...

CLARA

Procuro apenas reabilitá-lo no seu conceito.

PROCOPIO

E' inutil. Considerava-o tanto e em troca ousou insurgir-se contra mim, arrastando esses tresloucados que o seguiram á desgraça e á miseria! Ah! mas agora sofrerá o justo castigo da sua proeza. Não o largarei de vista, perseguil-o-ei até vê-lo arrastado a meus pés implorando misericordia. (*Clara esconde o rosto magoado. Procopio levanta-se, arrasta Clara pela mão e fta-a com espanto*) O quê!... Lágrimas nos teus olhos! Ah! bem adivinhava eu!...

CLARA

(*Mostrando-se serena e até fazendo por sorrir*)
Eu, chorar!... Como se ilude!...

PROCOPIO

Não me iludo, não. Pois não diviso no teu rosto, apesar da serenidade que te esforças por mostrar, os sinais duma verdadeira magna?!... Pensar em tal até me horrorisa! (*Com veemencia*) Vamos: exijo uma explicação.

CLARA

(*Confusa e timida*) Que explicação quer que lhe dê, meu pai?

PROCOPIO

E' certo que abrigas algum sentimento por esse... miseravel?

CLARA

(*Com firme resolução*) Dedico-lhe a estima que merece o seu belo coração.

PROCOPIO

(*No auge da colera*) Indigna criatura! (*Passa agitadamente*) Belo coração!... E diz-se semelhante baboseira a um pai!... A um pai!... Belo coração!... (*Estacando repentinamente em frente da Clara*) Portanto, a situação desses infames, dos meus encarniçados inimigos, provoca-te mais compaixão do que a amargura dum pai?...

CLARA

Meu pai! Não fale dessa maneira. (*Tenta abraçar Procopio, que se opõe brandamente*) Não o abandonarei para me colocar ao lado dos seus inimigos. Mas seja magnanimo. Não queira torturar-me mais.

PROCOPIO

Magnanimo com essa corja, roida de inveja, esfaimada de ambição, que pretende deixar-te na miséria?

CLARA

Vergados por uma ardua vida de canceira, só aspiram a um minguado quinhão de justiça.

PROCOPIO

E' então justiça pretender usurpar o que aos outros custou tantas vigílias e tanto sacrificio?

CLARA

Essa exaltação não lhe deixa vêr a verdade.

PROCOPIO

Por quem foste iniciada em semelhantes doutrinas? Talvez por esse...

CLARA

(*Atalhando-o com alvêz*) Por ninguém. A miséria dos que trabalham e produzem é que assim me obriga a pensar.

PROCOPIO

Ah! foi ele, foi esse miseravel! (*Cai numa cadeira, profundamente succumbido*) Suprema desventura!...

CLARA

(*Correndo a suavisal-o*) Porque havemos de sofrer tanto, meu pai?!...

PROCOPIO

Sufrimento que tu extinguirias, se quizesse.

CLARA

Como?

PROCOPIO

Casando com o Ernesto. Seria a tua felicidade, a felicidade de todos nós.

CLARA

Abomino esse homem. Com um traidor!

PROCOPIO

Traidor por ser leal aos seus patrões!

CLARA

Traidor por trazer iludidos os seus companheiros. (*Mudando de tom*) Demais, repugnam-me soluções contrarias á minha simpatia.

PROCOPIO

Nem sempre a felicidade nasce de affectos reciprocos.

CLARA

Então?

PROCOPIO

Do conhecimento de qualidades que se julgavam ausentes num ente á primeira vista detestado.

CLARA

Quer dizer que viria a amar mais tarde esse homem?

PROCOPIO

Certamente.

CLARA

Pensarei...

UMA CRIADA

Está lá fóra a snr.^a Quiteria, que deseja falar ao snr. Procopio.

CLARA

Manda entrar.

PROCOPIO

(*Visivelmente contrariado*) Que desejará essa mulher de mim?

CENA 3.^a

Os mesmos e Quiteria

QUITERIA

(*Correndo a lançar-se aos pés de Procopio*) Senhor! Piedade para a triste mãe! Salvai meu filho, o meu pobre Antero! (*Procopio desdenhoso, de sobre-cenho carregado e duro*) Uma palavra de perdão será a alegria da minha alma!...

PROCOPIO

(*Arrogante*) Pôde lá haver piedade para quem ousou agravar-me, ultrajando a minha dignidade?!...

QUITERIA

Decerto não mediu as terríveis consequências. O desvairamento...

PROCOPIO

(*Atalhando-a*) Perdeu-o? Pois que pague agora a sua loucura.

QUITERIA

Mas, snr.; perdoar é condão das almas bem formadas. (*Clara procura levantar-a*)

PROCOPIO

Avisei-o, insultou-me. Pretendi guial-o pelo bom caminho, escarneceu-me. Por fim, o malvado ainda tentou agredir-me!... Perdão!... Para quem?... Para semelhante miseravel? Nunca!

QUITERIA

Como é acerbo ouvir assim falar dum filho! (*Procopio severo e taciturno faz menção de sair*)

CLARA

(Enternecida e suplicante) Seja humano, meu pai! Sou eu quem lhe implora!...

PROCOPIO

(Inflexível) Nada mais tenho a dizer. *(Põe o chapéu para sair)*

CLARA

(Embargando-lhe os passos) Por quem é! Diga-lhe uma palavra de consolação!

PROCOPIO

(Com rude aspereza) Vamos, retira-te. Tenho mais que fazer.

CLARA

(Insistente e magoada) E' não ter coração! Salve Antero! Salve-o!...

PROCOPIO

Só ouvir esse nome me perturba a razão!

CLARA

Mas eu amo-o! E salvá-o é salvar-me!

PROCOPIO

(Com repugnancia) Ah! Vil criatura!... *(Saco de Clara com desprezo, fazendo-a tombar sobre os moveis. Clara solta um grito de pavor e Quiteria, esquecendo tudo, corre a amparar-a carinhosamente)*

CENA 4.^a

Os mesmos e Ernesto

ERNESTO

(Rompendo pelo gabinete com o rosto transfigurado) Snr. Procopio! Depressa, depressa...

PROCOPIO

(Que estava contemplando imperturbavel Clara, volta-se espavorido) Que succedeu, Ernesto?!...

ERNESTO

(Numa explosão d'amargura) A fabrica em chamas!...

PROCOPIO

(Com profundo desalento) Meu Deus! Enlouqueço! *(Bota a correr, completamente transtornado, seguido de Ernesto)*

1.º quadro

Ao F. mostra-se a fabrica de Procopio envolta em labaredas. Vê-se Procopio aparecer junto, palido de terror, com Ernesto, que tenta confortal-o. Procopio quer investir para o incendio, no que é impedido por Ernesto e mais populares. Ha uma curta e silenciosa cena d'angustiosa anciedade em que Clara surge, correndo a abraçar-se a Procopio, que se debate numa insania terrivel.

(Cai o pano).

FIM DO 2.º ACTO

ACTO 3.º

Um outeiro, proximo d'Alcantara. Ao F., dentre a casaria do populoso bairro, destaca-se o esqueleto da fabrica de Procopio. E' de tarde, e o sol, a declinar, espalha uma claridade suave e melancolica.

CENA 1.ª

Faustino e Aniceto

FAUSTINO

(Sentado com Aniceto sobre umas pedras soltas)
Reconheço agora quanto fui injusto para contigo, meu rapaz.

ANICETO

Eu cá sou sempre o mesmo homem, inestre Faustino. Nunca fui um no pano e outro na amostrá. Quando se é amigo duma pessoa, é-se a valer.

FAUSTINO

Mostraste que és um companheiro leal. Se todos afinassem por ti!...

ANICETO

Outro galo nos cantaria. Pois o figurão do snr. Procopio, julgava que caçoava comnoso! Enganou-se. Assim que vi o nosso Antero com os ossos na cadeia, subi-me cá dentro tamanha onda de rancôr, que nem sei como me contive que não fui logo direito ao patrão e o fiz em postas.

FAUSTINO

(Apontando para a fabrica incendiada) Eis além a punição duma alma bem cruel. Como meu sobrinho está bem vingado!

ANICETO

(*Baixo, depois de ter vigiado todos os recantos, com receio de ser ouvido*) Ah, mestre Faustino, foi um ar!...

FAUSTINO

Admiro o teu arrojo. Fizeste-la limpa, lá isso fizeste.

ANICETO

(*Acendendo tranquilamente um cigarra*) Nem chuz, nem buz. Arden? Queimou-se... (Pausa) Que balburdia!... Ah! todo me regalava, ouvindo o estalido sêco do madeiramento, comido pelo fogo. As labaredas erguiam-se furiosas, como serpentes, lambendo os tectos. As paredes interiores derreuiam com medonho fragor e pouco depois toda a fabrica era um enorme brazeiro, donde se irradiava uma ardencia pavorosa! Bem se esfalfavam os bombeiros, mas debalde. Alguns, coitados, até lá iam deixando a pele, tão destemidos se mostravam! Era só destes de quem eu tinha pena, que dos outros... O mariola do Ernesto salvou-se por uma unha negra. Era lá que devia ter ficado como um cão; mas o diabo protege sempre os amigos.

FAUSTINO

Desforço cruel, mas justo.

ANICETO

Necessario. Onde se fazem, aí se devem pagar.

FAUSTINO

Como sabes, sou contrario a todos os meios violentos.

ANICETO

Para grandes males, grandes remedios. E' por

essas e por outras que os patrões fazem de nós gato sapato.

FAUSTINO

A alma danada de tudo era esse maldito Ernesto. Esse, esse é que devia amargar...

ANICETO

Talvez não perca pela demora. Que eu não me cancei de avisar o Antero: *Fias-te nele? Estás arranjado. Prega-ta na primeira ocasião.*

FAUSTINO

Quantas e quantas vezes o não preveni também!

ANICETO

E' que o Antero é uma alma lavada.

FAUSTINO

Quando se carrega com o peso de grandes responsabilidades, a maxima cautela é pouca ainda.

ANICETO

A sua bondade é tanta que chega, por vezes, a roçar pela ingenuidade.

FAUSTINO

Dai, julgar os outros por si.

ANICETO

E' o seu grande e unico defeito. (*Ouve-se dentro a voz triste duma canção*)

FAUSTINO

Conhece-la?

ANICETO

E' a voz da snr.^a D. Clarinha. Coitada! Ao vê-la naquele estado retalha-se-me o coração. (*A voz cala-se*)

FAUSTINO

Mais uma vitima. O pai quiz casar-a á força com o patife do Ernesto e o resultado é o que se vê!

ANICETO

Depois o descalabro da casa, a morte de Procopio, que o diabo levou, e o abandono a que a votaram os malandrins do Leonardo, o socio, e o tal Ernesto.

FAUSTINO

E ficar para aí essa infeliz sem um ceitil! . . . E não lhes dá um rebate de piedade n'alma a esses patifes!

ANICETO

Olha que melros! A alma dos malandrins é vazia de todos os sentimentos nobres. Se não fosse encontrar a desvelada dedicação de sua irmã para amparal-a, andaria por aí ao Deus dará.

FAUSTINO

Na verdade, Minha irmã é como se fosse sua mãe.

ANICETO

E o Antero parece que mais amor lhe tem ainda.

FAUSTINO

Muitas vezes, quando minha irmã lhe fala, até parece recuperar a razão. Daí a instantes, porém, desvaira por completo. O Procopio possuia um coração de pedra.

ANICETO

E andava aquele pantomineiro pelas igrejas! Quer não que a justiça começa a fazer-se.

FAUSTINO

Ainda não. Pois não vês o Ernesto cheio como um ovo?

ANICETO

Toda a dedicação desse biltre pelo Procopio só mirava a roubal-o.

FAUSTINO

E a Penitenciaria com logares vagos!

ANICETO

Mesmo lá, quem sabe?

FAUSTINO

(*Vendo aproximar-se Quiteria*) Ai vem minha irmã. Não traz cara de satisfeita.

CENA 2.ª

Os mesmos e Quiteria

QUITERIA

(*Com anciedade*) Não viram o Antero?

ANICETO

Tambem o esperavamos.

QUITERIA

Desde manhã que saíu e ainda não tornei a pôr-lhe a vista em cima.

ANICETO

Talvez ande á procura de trabalho.

FAUSTINO

Hum!... tomaram-no de ponta... Enfim...

QUITERIA

A sua ausencia traz-me em cuidado.

ANICETO

Deixe lá que não se perde.

FAUSTINO

O rapaz anda desacoroçoado. Ha dias ainda o sentia com algum entusiasmo, cheio de coragem e disposto a recommear a luta; mas agora tolda-lhe o semblante uma constante preocupação, que o torna taciturno, como que succumbido.

QUITERIA

Oxalá alguma desgraça não nos surpreenda.

ANICETO

Que o caso não é para menos, mestre Faustino. Quando a gente chega a depositar absoluta confiança numa empresa, quando parece que á volta de nós tudo respira lealdade, surgir a traição e derrubar num momento tantos sonhos d'esperança, é assim um pouco duro de roer.

FAUSTINO

Mas que lhes tenho eu pregado?

ANICETO

A verdade, não ha duvida.

QUITERIA

Não posso socegar. (*Fazendo mensão de sair*) Vou vêr se o encontro. Trago a alma em ancias.

ANICETO

Vá, vá, snr.^a Quiteria, que nós aqui ficaremos á espreita. (*Quiteria sai*) Haverá mulheres boas, mas como esta...

FAUSTINO

Não é por ser minha irmã; mas não quero que haja creatura tão generosa.

ANICETO

Com que carinho trata a infeliz menina abandonada e louca!

FAUSTINO

Tirando até da boca para lhe dar!

ANICETO

Vamos lá; o mestre Faustino também não é mau irmão.

FAUSTINO

Eu!... Mais tens tu feito.

ANICETO

Ainda é pouco para o que devo ao Antero.

FAUSTINO

Até por ele dominaste o vicio de beber!

ANICETO

Com o que me dou por muito feliz. Goso mais saúde e coelho algum vintem. (*Mudando de tom*) Mas agora me dou também a seismar: por onde andará o Antero a estas horas?

FAUSTINO

Provavelmente, a matutar na esparrela em que caiu.

ANICETO

E vá a gente acreditar na efficacia das *grèves*!

FAUSTINO

E' e será ainda um forte meio de combate, quando baseado numa solida organização e que a ele presida uma unidade intima de pensamento.

ANICETO

Mas é precisamente o que eu não vejo, mestre Faustino.

FAUSTINO

Eis o grande mal. Para que duma *grève* resultem consequências salutaras, torna-se necessario que se amealhem os recursos indispensaveis para uma energica resistencia. Foi este sempre o meu pensar. Do contrario, neste desleixo, nesta imprevidencia criminosa, o operariado, tentando esse supremo desforço, vêr-se-ha na dura contingencia de mendigar o auxilio pecuniario de que carece, e como quem dá hoje já não pôde talvez dar amanhã, os patrões, se não condescendem e transigem com as reclamações que lhe apresentam, ficam-se na sua, escudados com a protecção dos governos, até que aqueles, exaustos, com as bocas dos filhos escancaradas de fome, volta a inclinar mais o cachaço á tirania e ao despotismo.

ANICETO

E' uma grande verdade!

FAUSTINO

Ainda estamos muito atrazados em contas, meu rapaz. Vivemos geralmente numas pocilgas, reben-tamos de trabalho de manhã á noite e, o que é mais... não sabemos ler!

Queremos ser fortes, mostrar ao capital que nada pôde sem o nosso esforço? Então promovamos uma larga instrução, consigamos adquirir casas baratas e sâdias, reclamemos horas suficientes para restaurar a energia esgotada no labor, organisemo-nos, enfim, para alcançar uma situação de relativa independencia. Trabalhar, trabalhar sempre, continuamente, em prol da nossa causa, com persistencia e sem desfalecimento, e o triumpho, então, será nosso. Saibamos agremiar-nos convenientemente pa

ra depois, quando inteirados da nossa força, poderemos impôr o nosso direito com a ameaça decisiva duma greve formidável. Ah! então vêr-se-ia como os *altos* senhores tremeriam de pavor.

ANICETO

Vivemos num criminoso desmazelo!

FAUSTINO

A grande maxima de Karl Marx: *operarios de todo o mundo, uni-vos*, deve permanecer sempre viva no nosso espirito. Doutro modo, meu rapaz, não creio em coisa alguma. A minha idade já não consente devaneios e a experiencia tem-me ensinado que nada se pôde efectuar no meio da desorientação que por aí lavra e nos confunde. (*Ouve-se Clara de novo*).

ANICETO

Outra vez ela! (*O canto vem se aproximando*)
Sua irmã ou seu sobrinho não podem estar longe.
Nunca a abandonam.

CENA 3.^a

Os mesmos, Clara e depois Antero

CLARA

(*Com o olhar vago e inquieto, estacando de surpresa*) Ah!... (*Com magua*) Não está aqui!... E' então verdade!... Mataram-no!... (*Chora convulsivamente*)

FAUSTINO

(*Afagando-a com docura*) Vamos, Clarinha... Socegue. O Antero não pôde tardar.

CLARA

(*Segurando Aniceto e Faustino, que a olham in-*

terditos) Sabeis?... Mataram-no, mataram-no!...

FAUSTINO

Quem?!

CLARA

Antero!

ANICETO

Isso foi sonho.

CLARA

Sonhar!... Eu não durmo, para sonhar.

ANICETO

(Indicando Antero, que se adianta sorridente) E tanto foi sonho, que ei-lo aí vem rijo e são. *(Clara estende o pescoço ansiosa)*

ANTERO

(Abraçando-a) Então, minha querida! Não vês que estou aqui, bem perto de ti?...

CLARA

(Incredula, desviando o rosto) Para que me enganas?... Tu não és o Antero. *(Tenta fugir)*

ANTERO

(Segurando-a com ternura) Clara! Por piedade!... Sou eu que te falo, quem...

CLARA

(Tapando-lhe a boca com a mão) Cala-te... *(Assaltada por um novo pensamento fita Antero com estranha persistencia)* Ah! bem vejo agora! *(Sorri com infinita alegria)* És tu, és tu!... E eu que te julgava na sepultura!... Mas, decerto, não te mataram?

ANTERO

A mim!... Não creias. *(Antero afasta-se vagorosamente com Clara)*

FAUSTINO

Muito deve sofrer este meu pobre sobrinho!

ANICETO

Sofrer! Eu sei lá de quanto é capaz o coração humano!

FAUSTINO

(*Para Antero, que volta nesse instante*) Então por onde tens andado?

ANTERO

Eu sei lá!

FAUSTINO

E' boa!... Não desanimes, rapaz. Agora é que é preciso ter coragem.

ANTERO

Coragem!... Disse o mestre sublime, o grande Vitor Hugo: «O desamparo dá alento á altivez». Contudo, uma dôr me atormenta horrivelmente. Confesso que fui sincero de mais para acreditar na dedicação dos outros.

FAUSTINO

Mas ha que tempo te ando eu a prégar isso mesmo!

ANICETO

Foi uma loucura.

ANTERO

(*Apertando as mãos a Aniceto*) Ah, que se todos fossem da tua tempera, o triunfo seria inevitavel.

ANICETO

De nada valho, meu amigo.

ANTERO

Todos me arguiam de te dar ouvidos e te contar como o melhor dos amigos. Todos te abandonavam pelo teu vicio repugnante, e só eu te perdoava pela grande alma que possuias.

ANICETO

Devo-te muito.

ANTERO

Mais te devo eu. No meio de toda essa derrocada de brio, só tu e poucos mais permaneceram fieis e altivos, acompanhando-me com o alento da sua intrepidez e com o fervor da sua fé.

ANICETO

Cumprimos apenas o nosso dever.

FAUSTINO

Ao que os outros faltaram.

ANTERO

Como me sinto desalentado para prosseguir! Não é que a timidez me quebrante nem que me preocupe o esquecimento que me votam muitos que sempre animei nos momentos difíceis da sua vida. Não. Outras razões mais superiores me apertam num torno de amarguras cruciantes, de que jámais me verei livre: minha pobre mãe e aquela desditosa menina. *(Deixa pender a cabeça sobre o peito)*

FAUSTINO

(Com voz comovida, mas animosa) Então que é isso, rapaz?... Um homem nunca sucumbe.

ANICETO

Lutar é viver.

ANTERO

Luta de covardes e maus. (*Mudando de tom*)
Vamos? Minha mãe espera-nos.

FAUSTINO

Vamos lá. (*Sáem*)

CENA 4.^a

Leonardo só, depois Ernesto e Aniceto

LEONARDO

(*Olhando para todos os lados*) Não... não me enganei. Foi para aqui que Antero se dirigiu. (*Su, bindo ao F.*) Qual me enganei! Ei-lo lá vai adiante-mas a companhia é que me não serve. (*Desce*) Descançarei um momento enquanto Ernesto não chega. O remorso começa a picar o Ernesto. Não ha maneiras que não empregue para se reconciliar com o Antero. Formidável palerma! Rico, gosando de todos os confortos que dá o dinheiro, para que necessita de andar mendigando as boas graças dum individuo que nada vale? Mas é lá com ele. (*Pausa*) Na verdade, o Ernesto foi um miseravel para um amigo do tempo de penuria. E o Antero, afinal, não me parece mau rapaz. Exaltado, com ideias tolas a escalear-lhe a mioleira; mas, no fundo, boa alma. O que o tem prejudicado é trazer a cabeça cheia de teias d'aranha, sonhando um paraizo de delicias, que se evaporam como fumo. (*Pausa enquanto acende um charuto*) Se ao menos se pudesse estabelecer com ele uma conciliação airosa! Sim, porque ele, afinal, tem valor. Influe poderosamente no animo do operariado, que o considera como um chefe intrepido e sabedor. Verdade, verdade; ha alguma razão nas suas reclamações e justiça nas suas queixas.

Levando uma existencia atormentada e trabalhando como escravos, se a sorte os não protege, nunca passam da cepa torta. Mas não convém confessar-lhes isto; aliás, saltam-nos sôbre o cachaço e fazem-nos em salada.

ERNESTO

(*Aparecendo muito afadigado*) Espera ha muito, snr. Leonardo?

LEONARDO

Ha coisa de dez minutos. Pensei que já não vi-nhas.

ERNESTO

Viu Antero?

LEONARDO

Entrou ha instante em casa, acompanhado pelo tio e pelo valdevinos do Anicelo.

ERNESTO

Haverá esperanza em falar-lhe?

LEONARDO

Julgo que sim.

ERNESTO

Contudo, vai-se fazendo noite e não será prudente conservarmo-nos por aqui. (*A cena tem ido escurecendo gradualmente e pouco depois o luar começa a irradiar*)

LEONARDO

Não tem duvida, que a noite é de luar.

ERNESTO

Na verdade, fui desleal e injusto. (*Senta-se perto de Leonardo*) E este pensamento entenebrece o meu espirito.

LEONARDO

Mas que tenho eu com isso?

ERNESTO

Não também foi o snr. que me arrastou a perdê-lo? Não foi o snr. que urdiu todo o diabolico plano com que também se havia de arruinar Procopio?

LEONARDO

Com o que não te dêste nada mal.

ERNESTO

Ah! esse dinheiro escalda-me.

LEONARDO

Tinhas então as mãos mais frescas, quando não avesavas um vintem?

ERNESTO

Vivo num suplicio!

LEONARDO

Ora adeus! Pois a abastança só dá prazer.

ERNESTO

Um prazer envenenado de fel.

LEONARDO

Cantigas, meu caro.

ERNESTO

E', então, cantiga esta dôr que me oprime?

LEONARDO

Aí tornas tu!

ERNESTO

Este flagelo d'alma que me dilacera?

LEONARDO

(Impaciente) Forte céga-réga!

ERNESTO

Nada tem, porque o egoismo sordido já embotou na sua alma todos os sentimentos de pundonor.

LEONARDO

Mau! Vê lá como te assôas. (*Com desdenhosa ironia*) Que formidável moralista me saíste!

ERNESTO

Quando me deito para descansar esta cabeça, que parece rugir lá dentro como uma tempestade, diviso o espectro de Procopio, crescendo e avançando para mim, num impeto feroz de me estrangular. De companhia; a figura altiva de Antero cospe-me o seu desprezo, exprobando-me a minha traição... Ergo-me apavorado, acendo todas as luzes e só quando o dia começa a raiar é que consigo conciliar o sono. Mas que sono é esse?!... Um pezádelo horrível a esmagar-me o peito!

LEONARDO

Pareces uma criança! Pois ainda te preocupas com essas ninharias? Forte tolo! Faze como eu e dormirás como um anjo.

ERNESTO

Assombra-me tanto cinismo! (*Indicando o espectro da fabrica, batida pelo luar*) Nem ao menos o comove aquele triste espectáculo, que se ergue além?

LEONARDO

Olha, meu rapaz; pensar em coisas lugubres, derranca o figado.

ERNESTO

Cumpria nos olhar pela pobre filha, louca e sem amparo.

LEONARDO

Olha tu por ela, que te pintavas para seu noivo.

ERNESTO

(*Olhando Leonardo com desprezo*) Biltre!...

LEONARDO

(*Fingindo-se irritado*) Vê lá como falas.

ERNESTO

(*Cre cendo para Leonardo*) Falo-lhe como homem.

LEONARDO

(*Com cinica bonomia*) Perdes o tempo. (*Mudando de tom*) Dize-me: já esqueceste o que me deves?

ERNESTO

Uma vida de ignominia!

LEONARDO

Que não te interrompe a digestão.

ERNESTO

(*Tentando agredir-o*) Miseravel!... Se não fosse...

LEONARDO

(*Recuando atarantado*) O medo de te ferrar com os ossos numa cadeia, não é verdade? (*Indo a sair*) Pois descança, descança, que não perdes com a demora. Vou fazer-te a cama...

ERNESTO

(*Correndo sobre ele*) Antes que a faça...

ANICETO

(*Tomando-lhes o passo*) Iremos todos conversar. (*Arrastando Leonardo e Ernesto pelos braços*) Ora até que os pilhei. Boa caçada, não ha duvida. Andei com sorte.

ERNESTO

(*Tentando abraçar Aniceto*) Aniceto! Meu amigo!

LEONARDO

(*Tomado de receio*) Boa noite!... Aniceto!

ANICETO

(*Repelindo Ernesto com altivez*) Amigo!... Já se viu alguma vez um homem honrado ter máriolas da tua laia por amigos?!... (*Para Leonardo, com zombaria*) Viva lá, sr. Figurão!

ERNESTO

Não te mereço semelhantes ultrajes.

ANICETO

Bates-me, provavelmente? (*Ri com vontade*)

LEONARDO

Mas, Aniceto...

ANICETO

Qual mas, nem meio mas. (*Para Ernesto*) Não andaste sempre a intrujar-nos? Não foste um vilíssimo traidor? Não foste o genio perverso que, de sociedade com este cavalheiro (*indica Leonardo*), arremessaste tanta gente para a ruína e para a morte?...

LEONARDO

Eu cá, não! Andei em tudo de boa fé.

ERNESTO

(*Com desprezo e odio para Leonardo*) Desprezível covarde!... (*Com amarga entoação para Aniceto*) E' de mais, Aniceto! E' impossivel conter por mais tempo a serenidade.

LEONARDO

(*Para Ernesto, muito agastado*) O' amigo, vê lá como falas!...

ANICETO

(*Sorrindo*) Que dois refinados tratantes! (*Com nobre atitude*) E' impossivel conteres a serenidade!?... Mas não te foi impossivel vender Antero, esse grande amigo de todos nós, essa alma generosa e boa, que preferiria sacrificar a vida pela nossa causa! Mas não te foi impossivel arruinar e matar Procopio, ralar de martirio a triste filha, que andaria por aí a gemer á mingua, se lhe não acudisse a ternura de boas almas! Mas não te foi impossivel levantar, sôbre os escombros de tão horrivel catástrofe, o edificio da tua grandeza maldita, com que agora insultas a miseria dos teus antigos companheiros de trabalho!...

ERNESTO

(*Com profunda magua*) Poupa-me a tanta recordação funesta. Pretendo justificar-me. Atenção por um momento.

ANICETO

Quem é que ousa pedir atenção?... Tu!... Repelente miseravel!

ERNESTO

(*Aprumando-se com sobranceira*) Nem mais uma palavra suportarei.

ANICETO

(*Soltando uma gargalhada feroz*) O quê!... Pois ainda sentes coragem para refilar!?... Nem te temo, nem me subjugo. (*Com insultante desprezo*) O teu dinheiro é nma infamia, a tua grandeza um sarcasmo. De que te vale tudo isso?

ERNESTO

Para te mandar chicotar.

ANICETO

(Sacando dum revolver e desfechando-lho á queima roupa) Ora aí tens a resposta pelo telegrafo. (Ernesto cãe exanime, soltando um grito, Leonardo foge apavorado e Aniceto, enquanto desce o pano, contempla com sinistra alegria o cadaver de Ernesto).

FIM DO 3.º ACTO

bibRIA

ACTO 4.º

Casa de jantar de Antero modestamente mobilada. Ao centro a meza, coberta d'alva toalha, com talheres e ramos de flôres. Na parede do F. o retrato de Antero, emoldurado de rosas. Por todo o recinto um ar de aceio e conforto, denunciando uma serena felicidade domestica.

CENA 1.ª

Faustino, Quiteria e Margarida

FAUSTINO

Depois de tantos contratempos é justo que hoje dêmos largas á nossa alegria.

QUITERIA

Varrendo do espirito um passado de amarguras.

FAUSTINO

E bem amargo que tem sido.

QUITERIA

(Que tem envelhecido extraordinariamente). Quando me lembro! — posso lá esquecer-me! — ainda sinto o coração chorar cá por dentro.

FAUSTINO

Parecia que uma tremenda fatalidade pesava sobre nós.

MARGARIDA

(Que tem andado num continuo vaivem, dispondo os aprestes para o jantar) E bem infeliz que o snr.

Antero foi, coitado. Que sorte não teve quando se quiz matar! Se o tiro lhe passasse duas polegadas mais baixo, era hoje cadaver. Mas agora me dou a pensar: que trapalhada de irmandade é aquela do snr. Henrique com o snr. Antero? . .

QUITERIA

Explico-t'a eu, escuta. (*Curta pausa*) A gente quando é nova acredita em tudo, tanto mais quando é um homem de quem se gosta que nos fala. Foi assim que me namorei dam, que na verdade me retribuia com igual affecto. Contudo, quem pôde fazer finca pé nas circumstancias desta vida? Quando eu, já grávida do meu Antero, me preparava para casar com o pai, este desapareceu do paiz. Ele possuia um pequeno estabelecimento de mercearia e faliu. Para não soffrer maiores vexames, visto que era bastante honesto, lá foi a caminho do Brazil, onde parece os negocios lhe correram prosperos. Por fim, casou com uma menina, de quem houve este snr. Henrique, que agora viemos a conhecer milagrosamente.

MARGARIDA

Ah... agora percebo.

FAUSTINO

Estás satisfeita?... Muito curiosas sois!

QUITERIA

E' o fraco de todas as mulheres.

MARGARIDA

E tambem d'alguns homens.

QUITERIA

Isso, isso, Margarida.

FAUSTINO

Nanja eu. Sabeis quem falta aqui?... O pobre Aniceto.

QUITERIA

Tão nosso amigo!

MARGARIDA

(*Com saudade*) Lá está na Africa, degredado!...

FAUSTINO

E por causa dum patife!

MARGARIDA

Maldito homem, esse Ernesto! Pagou um demónio por bem duro preço, não ha duvida. E quando o tornaremos a vér?

FAUSTINO

No meio do nosso contentamento só me punge não vél-o aqui junto de nós.

QUITERIA

E de mais a mais neste dia, em que o Antero festeja os seus anos!

MARGARIDA

Quer não que já não falta muito tempo para ele voltar.

QUITERIA

Assim o confirmava numa carta, chegada hontem.

FAUSTINO

Mas vocês não me disseram nada! Que dizia, mais?

MARGARIDA

E' o tal que não é curioso...

QUITERIA

Que continuava de saude, protegido da sorte, que lhe fazia amealhar um sofrivel peculio... (*Levantando-se*) Espera, que eu vou buscar a carta.

FAUSTINO

Não é preciso. Logo a verei.

QUITERIA

Bem merecedor de tudo é ele.

FAUSTINO

(*Batendo palmadinhas na cara de Margarida*) A ti, minha sonsa, é que isso muito te alegrará.

MARGARIDA

(*Sorrindo, muito encaidecida*) Ele gosta lá de mim, sr. Faustino?...

FAUSTINO

Faze-te tolinha, anda...

MARGARIDA

Diga-me: ele falou-lhe alguma vez em mim?...

FAUSTINO

Quantas vezes!

MARGARIDA

Para dizer mal, não é assim?

FAUSTINO

Para dizer sempre que eras uma bela moça.

MARGARIDA

Está a mangar!...

FAUSTINO

Falo-te a sério.

MARGARIDA

(*Saindo a suspirar*) Ai, Aniceto... Como eu seria feliz!...

FAUSTINO

A rapariga parece que gosta do Aniceto a valer?

QUITERIA

Mocidade, mocidade!...

FAUSTINO

Ah, que se eu pudesse voltar aos meus vinte!...

QUITERIA

Aposto que te namoravas da Margarida?

FAUSTINO

Não que ela não é peste nenhuma.

QUITERIA

Ora, tem juízo.

FAUSTINO

O que te digo é que depois daquela estranha aparição do Henrique todos nós nos sentimos remoeçar.

QUITERIA

Na verdade, foi um milagre!

FAUSTINO

Não creio em milagres, mas este parece-o.

QUITERIA

Que satisfação não vai por aquelas oficinas! E', para assim dizer, uma família.

FAUSTINO

Como o Antero chegou a pôr em pratica as suas ideias!

QUITERIA

Ali não ha patrão nem servos. Todos são iguais no trabalho e nos proveitos.

FAUSTINO

Que doce alegria! A inveja não verá isso com bons olhos.

QUITERIA

Trabalho não falta. Haja braços!... Que importa o olhar vêsgo da malquerença?

FAUSTINO

Mas que estranha coincidência! Faz seismar! Henrique vir reconhecer o irmão no proprio momento em que ia pôr termo á vida!

QUITERIA

Digam o que quizerem. Eu só vejo nisso a mão de Deus.

MARGARIDA

(*Entrando com a terrina da sopa*) Então ainda não vieram todos!?... Isto não está para muitas demoras.

QUITERIA

Meu filho?

MARGARIDA

Já o chamei.

FAUSTINO

E a snr.^a minha sobrinha?

MARGARIDA

A snr.^a D. Clara está pronta. Parece mesmo um anjo no seu vestido novo de cambraia.

FAUSTINO

Havemos tambem de esperar pelo snr. Henrique.

MARGARIDA

Já lá viram! Todos a esperar uns pelos outros, a sopa a arrefecer e aquela comida lá dentro a re-quentar-se! Não gosto nada disto.

FAUSTINO

Tem paciência.

MARGARIDA

E' boa para a vista. (*Sáí com modos sacudidos*)

QUITERIA

Uma excelente rapariga, esta Margarida. Afeiçoou-se-nos de tal maneira, que a consideramos como família.

FAUSTINO

O' Quiteria, ainda me custa a crêr como a Clarinha recuperou a razão!

QUITERIA

Ai tens outro milagre.

FAUSTINO

Daqui a pouco são tudo milagres na tua bôca. A natureza, a natureza é que assim o resolveu.

QUITERIA

Será o que tu dizes; mas ha coisas...

FAUSTINO

Que nem parecem as ditas.

QUITERIA

Como ela ia linda pelo braço de Antero, quando se casaram! Parecia mesmo Nossa Senhora.

FAUSTINO

Faltou-te dizer *Nossa Senhora dos Milagres!*

QUITERIA

E's um hereje.

FAUSTINO

O que eu não tenho são teias d'aranha no tou-tiço.

QUITERIA

Deixa lá, que sempre é bom crêr.

FAUSTINO

Creio em mim e em vocês, e já não faço pouco.

MARGARIDA

(*Aparecendo muito risonha*) Eil-os aí vêm todos.

FAUSTINO

Já não vêm sem tempo. A minha barriga já rosna como um cão esfaimado.

MARGARIDA

Eia, que fome aí vai! Aposto que não come ha oito dias?

FAUSTINO

Não o digas a mangar. (*Entram Antero, Clara e Henrique*)

QUITERIA

Vou abraçá-los... Meus queridos filhos! (*Grande manifestação d'afecto entre todos*)

CENA 2.^a

Os mesmos, Antero, Clara e Henrique

FAUSTINO

Se se demoram mais cinco minutos ia-me á sopa e chamava-a toda ao estreito.

MARGARIDA

Forte glutão!

FAUSTINO

Se tenho uma *peneira* nos olhos, que nem me deixa vêr a cadeira onde estou sentado!

CLARA

Mas porque esperaram por nós?

ANTERO

A velhice não tem horas meu tio.

FAUSTINO

Chamas-me velho!... Olha que velhos são os farrapos.

ANTERO

(Sorrindo) D'accordo; mas creio que já fez os seus vinte e cinco ha mais de cincoenta anos.

FAUSTINO

Quer não que ainda me não troco por alguns da tua idade.

QUITERIA

E com tanto palavreado esquecemo-nos de comer. A sôpa arrefece. (*Tomam os seus lugares á meza*)

MARGARIDA

Comam-na como estiver. En é que não volto a aquecel-a. (*Todos sorriem*)

ANTERO

(*Para Henrique, indicando-lhe a cabeceira da meza*) Pertence-te aquele lugar.

HENRIQUE

(*Esquivando-se*) De modo nenhum. E' a tua mãe. (*Quiteria, a reiteradas instancias de Henrique, condescende em sentar-se á cabeceira da meza, sentando-se Henrique á direita dela*). Aqui, fico perfeitamente. (*Antero vai sentar-se em frente, tendo Clara á sua direita. Faustino senta-se á esquerda de Quiteria*)

QUITERIA

(*Enchendo os pratos auxiliada por Margarida, que os vai distribuindo*) Lembrar-se a gente do que tem passado, e vêr agora entrar a ventura nesta casa!

FAUSTINO

(*Começando a comer*) O diabo nem sempre está atraz da porta.

ANTERO

(Indicando Henrique) A ventura entrou nesta casa pela mão daquele.

HENRIQUE

Dize antes que foi o espirito de nosso bom pai que me guiou.

ANTERO

Como desejaria conhecê-lo! Ao cabo de tantos anos não se esquecer do filho que por cá deixou.

HENRIQUE

Uma bela alma. A morte avisinhava-se e ele chamou-me para junto de si, dizendo:—«Henrique, nesta hora tremenda tortura-me a lembrança dum irmão que tens em Portugal. Não sei se é vivo ou morto. Não te esqueças de indagar o seu paradeiro. Emprega todos os esforços para o encontrar. Faz-lhe saber a estima que lhe consagrava e que sempre a sua recordação saudosa me acompanhou até ao ultimo alento». Acabando assim de falar, indicou-me a gaveta dum contador e dela me ordenou que tirasse um maço lacrado... Era o seu testamento no qual te reconhecia como filho. O que depois se passou escusado é repetil-o.

QUITERIA

Como me sinto comovida! (*Enxuga as lagrimas*)

FAUSTINO

(Indicando Antero) E querer dar cabo da vida a aquele tólo! Quem apregoava tanta coragem!... Foi uma sorte o snr. Henrique dar com ele com a bôca na botija.

HENRIQUE

Mero acaso. Não sei que estranho presentimento me havia arrastado para os lados da Cruz da Oliveira, na serra de Monsanto. Eu desesperava já de encontrar esse desejado irmão, de quem meu pai me falara com tanto disvelo, quando a detonação de um tiro de revolver me feriu repentinamente os ouvidos. Corri nessa direcção e fui dar num reconcavo, onde um desgraçado rapaz se estorcia banhado em sangue. Felizmente, o tiro passara de raspão pela fronte. Interrogo-o com anciedade... e qual não foi o meu assombro ao reconhecer Antero nesse desesperado mancebo! (*Todos mostram sinais de intensa comoção. Quiteria e Clara enxugam as lagrimas*)

CLARA

Mas para que havemos de recordar amargas lembranças?...

HENRIQUE

Na verdade este dia deve ser todo de festa.

MARGARIDA

(*Vendo Faustino esburgando sofregamente uma perna de frango*) O sr. Faustino, pelo que vejo, traz um fastio de morte. (*Todos olham para Faustino e riem*)

FAUSTINO

Não me pára nada na bôca, rapariga. Cái-me tudo no estomago.

MARGARIDA

Porque não come mais aquela azinha?

FAUSTINO

Fizeste bem lembrar. Mas, primeiramente, uma

pinguinha para refrescar a guela. O vinho é o sangue dos velhos e quem não gosta dele não é amigo de Deus.

HENRIQUE

E este que parece de adega de frade!

FAUSTINO

(*Acabando de saborear um copo*) Dá vida aos mortos!

ANTERO

Contudo, no meio da nossa alegria não devemos esquecer um querido ausente.

FAUSTINO

(*Sem deixar de comer*) Quem?

ANTERO

O pobre Aniceto.

TODOS

(*Com saudade*) Ah!...

CLARA

Um grande e dedicado amigo.

QUITERIA

Não havia outro.

FAUSTINO

Sacrificou-se por nós até ao martírio.

ANTERO

Quem sabe se a estas horas também estará pensando em nós!

TODOS

Decerto.

FAUSTINO

(*Fitando Margarida maliciosamente*) Principalmente numa certa pessoa que nós conhecemos. E' verdade, Margarida?

MARGARIDA

Eu sei lá, snr. Faustino!

FAUSTINO

Ea é que sei. Faze-te de novas...

MARGARIDA

Mais sabe uma galinha assada.

FAUSTINO

E esta que está deliciosa!

HENRIQUE

(*Para Antero*) Na verdade Antero, que admiro o teu procedimento. Nunca supuz tão lisongeiro resultado na pratica das tuas ideias.

ANTERO

Ah! tinha absoluta confiança no meu ideal.

QUITERIA

E como todos na fabrica adoram o trabalho!

ANTERO

Não que o trabalho agora deixou de ser o eterno castigo das Escrituras, para se tornar numa peregrina alegria.

FAUSTINO

E' de espantar, confesso!

ANTERO

Ora até que enfim, meu tio: a crença começa a iluminar-lhe o cerebro. (*Levantando-se*) Eu não era um utopico, nem um demolidor perigoso, como se afirmava. Era, sim, um reformador do estado miserando em que via debater-se o povo trabalhador.

A sorte bafejou-me e logo me dei á tarefa de pôr em execução as minhas teorias. E' uma deshumanidade—é um crime!—conservar por toda a

vida tantos seres presos a um trabalho sem garantias. Lembra-me essa negregada época medieval, em que os miseros servos se esfalfavam e escorriam em sangue para nutrir a ociosidade e a devassidão dos senhores feudais, tendo apenas como recompensa a esmola regateada de dois palmos de terra, onde se iam libertar de um inferno de torturas. Ah! meu irmão! Sentia a alma chorar de angustia em frente de tantas torpezas, que o nosso tempo não devia consentir.

A vida não se deve olhar por essas apparencias sedutoras, que enxameiam nas ruas e nas avenidas luxuosas. Vai-se aos bairros miseraveis, corre-se aos antros sombrios, onde se esconde a vergonha e se alastra a miseria mais pungente. Ai, ai, é que se aprende na escola do sofrimento a desigualdade revoltante que nos cerca. Surgem revoltas impetuosas, porque o coração sangra a dor mais acerba ao deparar-se tantos rostos macerados pelo infortunio, tantas bocas escancaradas, implorando pão, tantos olhares febris, tantos entes minados pela tísica e roídos pela fome!... Ah! mas perdão! Eu não desejava alongar-me assim...

HENRIQUE

Avalio a tua grande alma, Antero.

ANTERO

Orgulho-me de ter iniciado o primeiro passo para a reabilitação da grande familia operaria. Os mais que me sigam.

FAUSTINO

Assim mesmo.

ANTERO

Todos os companheiros, meus colaboradores, go-

sam de igual direito na participação dos lucros. Essa participação é proporcional ao trabalho e mérito de cada um. E' esse o preceito fundamental do socialismo.

QUITERIA

Trata de comer. Deixa-te disso agora.

CLARA

Na febre do entusiasmo nem de nós se lembra!

ANTERO

(*Beijando Clara*) Perdôa-me, Clara. (*Volta a sentar-se*)

FAUSTINO

(*Mostrando um pécego*) Que belo pécego! (*Dá-lhe uma trincadela*)

MARGARIDA

Saboroso, não é verdade?

FAUSTINO

Macio como veludo. Nem tu calculas. Ora come um pécego, Margarida.

MARGARIDA

Não tenho vontade.

FAUSTINO

Verás como gostas. (*Gesto negativo de Margarida*) Provavelmente receias quebrar os dentes no caroço?

QUITERIA

Que cega rega tu és, Faustino!

FAUSTINO

E' que eu sei que ela gosta muito desta fruta. Está a fazer-se rogada. (*Ouve-se dentro a toada dum sol e dó que vem tornando-se distinto. Todos se le-*

vantam surpreendidos, correndo á porta do F. e ás janelas, menos Faustino, que continua comendo.

MARGARIDA

E' uma festa em honra do snr. Antero.

HENRIQUE

(A' janela para Antero) São os teus companheiros de trabalho que vêm saudar-te.

QUITERIA

(Comovida, voltando a sentar-se) Generosos rapazes!...

FAUSTINO

A *tocata* vem afinadinha, lá isso vem.

MARGARIDA

Mais afinado está o snr. Faustino.

CLARA

Lá vêm a entrar. *(Todos voltam para dentro)*

CENA 3.^a

Os mesmos e operarios, mulheres e crianças d'ambos os sexos, empunhando ramos de flores

ANTERO

(Recebendo-os á porta do F. muito carinhosamente) Entrem, meus amigos. *(Entram todos, indo entregar e depôr no regaço de Clara e de Quiteria os ramos de flores. Antero, Clara e Quiteria vão beijando as crianças á medida que elas desfilam)*

UM OPERARIO

(Adiantando-se) Companheiro: escolhemos positadamente este dia tão querido aos nossos corações para virmos dar-te um fraternal abraço. E' um preito digno da nobreza do teu formoso character,

indo nele todo o affecto das nossas almas e todo o sentimento da nossa admiração.

ANTERO

Obrigado, meus amigos. Tudo o que faço é-me imposto pela justiça e pela verdade. Sou coerente com os princípios que sempre defendi, e a coerência é o timbre do caracter. Nada detem o progresso das ideias, e seja qual fôr o obstaculo que a tradição ou o preconceito lhes anteponha, será derrubado por essa torrente luminosa. (*Abraçando um por um*) Abraço-vos como irmão e que o nosso lêma seja sempre: *Liberdade, Igualdade, Fraternidade.* (*Em todos os semblantes ha visiveis sinais de jubilo e emoção*)

OUTRO OPERARIO

Viva o nosso companheiro!

TODOS

Viva!

OUTRO OPERARIO

Viva o nosso Antero!

TODOS

Viva!... (*O sol e dô executa o hino 1.º de Maio*)

ANTERO

Este dia compensa-me bem das amarguras que sofri. Ide agora para a officina. E' lá que eu quero erguer o meu brinde á nossa solidariedade. (*Os operarios continuam a saudar-o com alvoroço, saindo depois accompan'ados do sol e dô que vai tocando*)

HENRIQUE

Consoladora amizade!

QUITERIA

Que jámais acabará.

CLARA

Assim o creio.

ANTERO

Para nossa alegria e gloria da causa operaria.

FAUSTINO

Agora já posso morrer descansado.

ANTERO

Vamos ter com eles. E' na officina que mais se estreitarão os nossos laços. Foi nesse templo que se solenizou a primeira festa da emancipação dos trabalhadores portuguezes.

FAUSTINO

Apoiado. Toca a andar. (*São todos*)

QUADRO

Officina da fabrica metalurgica de Antero, toda ornamentada com bandeiras, escudetes e vestões de verdura e flôres. Nas paredes, formando trofeus, instrumentos diversos do trabalho. Por cima da porta do F., num largo distico, guarnecido de flôres, lê-se: Trabalho e União. Quando o pano sobe alguns operarios em vivo entusiasmo ultimam as derradeiras ornamentações.

UM OPERARIO

(*A' aparição de Antero, Clara, Quiteria, Henrique e Faustino*) Viva a união social!

TODOS

Viva! (*Antero desarrolha uma garrafa de Champagne e Henrique e Faustino, assim como alguns operarios, fazem o mesmo. Enchidas as taças é Clara que as vai distribuindo por todos os circunstantes, emquanto Quiteria distribui bólos pela crianças*)

ANTERO

(Erguendo a sua taça rodeado por todos) Meus amigos: saúdo-vos com a ternura dum irmão. Depois de tão cruéis desilusões é justo que entoemos um hino de vitória. Renasce-me mais viva a esperança. Este dia indemnisa-me exuberantemente dos momentos angustiosos por que passámos. Tocai na minha taça e que esse contacto seja como que a primeira nota do hino heroico da emancipação social.

TODOS

(Com estridente clamor) Viva o operariado!... Viva o trabalho!... *(Todos vão tocar na taça de Antero, entoando em cântico o hino do 1.º de Maio, enquanto o pano desce lentamente)*

FIM DO 4.º E ÚLTIMO ACTO

bibRIA